

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas).

143. INTERESSE PELAS FERROVIAS

Durante muito tempo, a bibliografia ferroviária brasileira constituía-se apenas de obras de engenheiros, muitas vezes dos próprios construtores das estradas de ferro. Obras importantes, ricas de pormenores técnicos, mas que pouco podiam interessar aos que desejassem ver nas ferrovias mais que seu aspecto puramente técnico. Longe de mim menosprezar esta bibliografia. Obras como as de Palhano de Jesus, Lassance Cunha, Adolfo Pinto, Emílio Schnoor, José Luiz Baptista, Moacyr Silva, entre outros, constituem fontes indispensáveis para qualquer estudo que se faça sobre o tema.

Quando, há mais de quarenta anos, elaborei modesta comunicação a um Congresso de Geografia reunido em Florianópolis, sobre a correlação entre a expansão ferroviária e o desenvolvimento da cultura do café em São Paulo, nada encontrei que me pudesse servir de roteiro. Acabei tendo de fazer trabalho pioneiro, com todos os defeitos, vícios, imperfeições e perplexidades de qualquer trabalho pioneiro. Mas, bem ou mal, foi feito. E quando, trinta anos mais tarde, retomei o tema para o que veio a ser o livro **Café e Ferrovias**, pouco havia se alterado a situação do ponto de vista bibliográfico. Aparecera, sim, o livro de Estevão Pinto, mas adstrito apenas a uma ferrovia do Nordeste; aparecera, também, o livro de Fernando de Azevedo, sobre a **Noroeste do Brasil**, o qual, com o devido respeito ao saudoso mestre e amigo, pouco contribuiu para o conhecimento do tema; e aparecera o livro de Célio Debes, sobre a **Paulista**, primeiro volume de obra mais vasta, que o autor não prosseguiu.

Todavia, de 1973 para cá (data da publicação de **Café e Ferrovias**), o assunto passou a interessar a numerosos pesquisadores, muitos deles — digo-o com satisfação — estimulados pelas sugestões que levantei no último capítulo de meu livro. Numerosos trabalhos de grau universitário foram elaborados sobre ferrovias, alguns já publicados. O professor

José Roberto de Souza Dias, na época vinculado ao Rio Grande do Sul e hoje em Santa Catarina, tomou duas ferrovias gaúchas para suas teses de mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo; assim, a professora Palmira Petratti, sobre a antiga **São Paulo Railway**; a professora Cassia Muniz Carletto, sobre uma pequena ferrovia baiana, e agora, recentemente, o professor Lando Rogério Kroetz, de Curitiba, fez jus ao doutoramento, também na Universidade de São Paulo, com tese sobre as ferrovias paranaenses. Uma antiga aluna da PUCCAMP, hoje residente em Araraquara, a professora Eva de Ávila Rossi, escolheu a nossa **Funilense** para sua monografia de mestrado, em andamento. Estou me referindo apenas a trabalhos em que tive alguma participação, como orientador ou examinador. Oportunamente cuidarei de outros que já tiveram a sorte de ser publicados. (19-2-1986)

*

144. LIVRO DO CENTENÁRIO

Em 1900, com o caráter comemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil, publicou-se no Rio de Janeiro uma extensa e valiosa obra, em quatro alentados volumes, intitulada simplesmente **Livro do Centenário**. O título tem levado muita gente a pensar, sem atentar para a data, que se trata do centenário da Independência, comemorado em 1922. De fato, a palavra “centenário”, desacompanhada de qualquer indicação de ordem numérica, leva sempre a pensar que se trata do primeiro. A mesma coisa ocorreu com importante livro do historiador Rocha Pombo sobre o Paraná, aliás seu Estado natal, intitulado simplesmente **O Paraná no Centenário**. Só folheando-o é que o leitor vai saber a que centenário se refere.

Mas, em que pese este reparo de ordem bibliográfica, a verdade é que o chamado **Livro do Centenário** tornou-se uma das obras de referência mais importantes da bibliografia brasileira. Promovida e publicada sob os auspícios da Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, totaliza a obra quase duas mil páginas, com numeração distinta para cada seção do livro, num total de quatorze, atendendo ao programa de “dar a conhecer as riquezas naturais do Brasil e o seu progresso em todos os ramos da atividade humana”, e ainda “assentar um marco imorredouro na estrada de nossa existência nacional, marco que assinale o esforço heróico do passado e ao mesmo tempo sirva de estímulo às gerações futuras”.

Colaboraram no **Livro do Centenário** expressivas figuras da cultura brasileira, a saber: Capistrano de Abreu, Oliveira Lima e Moreira de Azevedo (Descobrimto do Brasil e sua evolução no século XVI); Pe. Júlio Maria (Catolicismo); Sílvio Romero (Literatura); José Veríssimo (Ensino e Imprensa); Coelho Neto (Belas Artes); José Eduardo Teixeira de Sousa e Agostinho José de Sousa Lima (Ciências médico-farmacêuticas); José Carlos Rodrigues (Religiões Acatólicas); general Costallat e almirante Jaceguay (Organização Militar); Clovis Bevilacqua e Gregório Taumaturgo de Azevedo (Relações Exteriores); Júlio de Barros Raja Gabaglia (Direito); Antônio Olinto dos Santos Pires (Mineração); Paula Freitas (Viação e Obras Públicas) e Moura Brasil (Agricultura).

Algumas das contribuições enumeradas tornaram-se clássicas em nossa bibliografia. Assim, as monografias de Capistrano de Abreu sobre o descobrimento do Brasil, de José Carlos Rodrigues, sobre religiões acatólicas, de Sílvio Romero, sobre Literatura, entre outras. O último volume foi quase todo consagrado ao programa e descrição das festividades comemorativas da efeméride quadricentenária de 1900. Não tendo sido reeditado, tornou-se o **Livro do Centenário** preciosa raridade bibliográfica, de difícil acesso e que poucas bibliotecas possuem. (19-3-1986)

*

145. PARA A HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO

Durante muito tempo a história do Protestantismo no Brasil foi colocada em bases denominacionais. Cada denominação possui seus historiadores, autores de obras mais ou menos extensas, igualmente mais ou menos valiosas, todas elas indispensáveis, sem dúvida, para o conhecimento da crônica do estabelecimento e desenvolvimento das respectivas igrejas. Assim, Domingos Ribeiro, Vicente Themudo Lessa e Júlio Andrade Ferreira, para os presbiterianos; James L. Kennedy, Paul E. Buyers e José Gonçalves Salvador, para os metodistas; Mesquita e Crabtree, para os batistas, e por aí fora. Acrescente-se essa bibliografia numerosos livros contendo reminiscências de atividades pastorais, memórias ou biografias de figuras eninentes das diversas igrejas. Tudo isto, obviamente, constitui fontes que nenhum pesquisador poderá desprezar.

O primeiro trabalho sobre o Protestantismo brasileiro elaborado sem se prender aos parâmetros denominacionais, talvez tenha sido o do grande jornalista José Carlos Rodrigues (1844-1923) intitulado **Religiões Acatólicas do Brasil**, publicado em 1900 no denominado **Livro do**

fizeram, ao longo da história, os diversos povos. Era o velho Piccarolo uma das grandes figuras da vida intelectual paulista. Nascido na Itália, desempenhou em sua pátria diversos cargos públicos e no começo do século veio para o Brasil e aqui viveu mais de quarenta anos. Socialista militante, teve participação ativa em diversos movimentos sociais na capital paulista e muito escreveu em defesa de suas idéias, bem como sobre problemas da imigração italiana no Brasil. Tornou-se grande conhecedor de nossa história e de nossa língua e literatura, a ponto de, sendo italiano, chegar a lecionar português num dos mais importantes estabelecimentos de ensino em São Paulo.

Com outros intelectuais paulistas, fundou, em 1931, a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, precursora do que veio a ser, alguns anos depois, a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Até 1935 ou 36 sobreviveu a "Faculdade Paulista" de mestre Piccarolo, desaparecendo quando, com a criação da escola oficial, perdeu sua razão de ser. Foi onde o conheci, ponto inicial de uma grande amizade, que durou até o seu falecimento, em 1947. Muitas vezes o visitei em sua chácara de Santo Amaro, no caminho de Itapeberica.

Com a fundação da Universidade, passou a colaborar com ela, não como professor-titular, mas como conferencista a todo instante solicitado. Lembro-me da série de conferências que proferiu a propósito do bimilenário de Augusto, editadas depois em livro pela própria Universidade.

Certa vez em que descíamos juntos a escadaria da velha Escola Normal da Praça da República, em cujo terceiro andar funcionavam alguns cursos da Faculdade de Filosofia, perguntei-lhe se não tinha intenção de reunir em livro a magnífica série de artigos que vinha publicando no "Estado" sobre a guerra e a paz, e que se encontrava, ao que parecia, próxima do fim. Respondeu-me que ainda não havia pensado no caso, mas que ia pensar. Ponderou que talvez não fosse fácil achar editor. Mas encontrou: no ano seguinte (1940), aparecia à venda, nas livrarias, lançado pela antiga Athena Editora, o volume **A Guerra e a Paz na História**. Relendo-o outro dia, à procura de uma referência qualquer que estava me intrigando a propósito de Júlio César, não pude deixar de me lembrar do velho mestre, a quem tanto deve a cultura paulista. Figura extraordinária, à espera, ainda, que alguém escreva sobre sua vida movimentada e sua obra multi-forme. (11-6-1986)

148. À BEIRA DO SÉCULO XXI

Tomo para esta nota o título de uma das conferências reunidas no opúsculo que a motivou, precisamente a que foi proferida por Gilberto Freyre na inauguração do ciclo denominado “Brasil século XXI”, com o qual o IBRAPE — Instituto Brasileiro de Altos Estudos — iniciou suas atividades em outubro do ano passado.

Fundado por elementos do Instituto Brasileiro de Filosofia e da Fundação Armando Álvares Penteado, surge o IBRAE — lembra o professor Miguel Reale, seu presidente, na apresentação do volume — “em momento oportuno da vida intelectual brasileira, quando corremos o risco de perder o verdadeiro sentido da atividade cultural, cujo valor global fica comprometido quando se pretende dar atenção apenas às manifestações artístico-culturais de caráter popular”. E para que ninguém o interprete mal, apressa-se o ilustre mestre em declarar nunca lhe ter passado pela idéia menosprezar as manifestações folclóricas, as expressões naturais e imediatas de nosso povo, universalizadas com notável originalidade na música e nas artes plásticas, “pois elas representam componente precioso de nosso ser nacional”. Sua intenção é salientar “apenas a necessidade de uma visão dinâmica e complementar entre a cultura espontânea e a cultura erudita, mesmo porque esta se alimenta da seiva daquela, recebendo motivos de inspiração que nos auxiliam a caracterizar a nossa posição no mundo universal do espírito”.

E quanto aos objetivos da nova entidade cultural, não foi menos claro o professor Reale: propiciar meios às investigações de alto nível, com base no princípio de interdisciplinariedade; estabelecer contato permanente entre todas as áreas culturais brasileiras, para “superar-se o arquipélago que enfraquece e compromete as múltiplas investigações em processo na vastidão do território nacional, uns pesquisadores ignorando os trabalhos e contribuições dos demais”.

Nada mais do que colocamos entre aspas será necessário para que o Instituto se credencie à consideração de todos aqueles que tenham interesse em qualquer aspecto da cultura brasileira.

Ao intitular seu primeiro ciclo de conferências “Brasil século XXI”, não animou ao Instituto nenhum propósito de mera futurologia. Antes, como foi salientado, o que sentimos todos neste final de século é a necessidade de um balanço ou inventário daquilo que foi feito pela nossa “atormentada centúria”, a fim de que se vislumbre algumas linhas diretoras de nosso futuro. Enfim, a herança que vamos transmitir ao novo século que se iniciará dentro de pouco mais de uma década. Será que soubemos aproveitar bem a herança que recebemos do século XIX? E poderemos ter

Centenário, do qual há pouco me ocupei neste local. Mas foi só com o livro do professor Émile G. Léonard que se fez o primeiro estudo realmente valioso sobre o Protestantismo, do ponto-de-vista eclesiológico. Com todos os defeitos que tem, decorrentes sobretudo da pressa com que foi elaborado, sem uma rigorosa crítica das fontes, como seria necessário, a verdade é que o livro do eminente historiador francês que ilustrou por alguns anos a Universidade de São Paulo e de quem guardo excelente lembrança, ficou um marco — e certamente ficará por muito tempo — na história do Protestantismo brasileiro. Tanto, que tem feito jus a reedições.

Mais profundo e mais rigoroso do ponto-de-vista metodológico, registre-se o excelente livro **No Celeste Porvir**, do pastor presbiteriano independente Antônio Gouvêa Mendonça. O autor parte do princípio de que, embora haja um Protestantismo no Brasil, “o protestante não aparece, não se apresenta, não se insere de modo sensível na política, na cultura”. Enfim, não há um impacto protestante na sociedade brasileira. Outro livro, em sentido bem diferente, mas igualmente valioso, é o David Gueiros Vieira, **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa**. Este foi editado pela Universidade de Brasília, enquanto o do rev. Mendonça o foi por uma editora católica (significativo !), das mais prestigiosas do País (Paulinas).

Entendendo que não se pode fazer história sem fontes, Duncan A. Reily, da Igreja Metodista, oferece-nos a primeira **História Documental do Protestantismo no Brasil**. Livro fundamental, sem o qual jamais se conhecerá a religião reformada em nosso País (São Paulo, Aste, 1984) (7-5-1986)

*

146. GRANDE ENGENHEIRO FERROVIÁRIO

A necessidade de consultar alguns números atrasados da preciosa “Revista Brasileira de Geografia” (circulará ainda ?) fez-me deparar com o que não procurava: uma biografia do grande engenheiro ferroviário Emílio Schnoor, da lavra do geógrafo e também engenheiro Vergílio Corrêa Filho. Nascido em França, em 1855, (de ascendência alemã como o sobrenome o indica), veio para o Brasil ainda menino. Diplomou-se pela velha Escola Central, do Rio de Janeiro, e iniciou, ainda estudante, sua imensa atividade ferroviária, que marcou toda a sua vida e fê-lo presente em quase todos os Estados do Brasil onde foram construídas estradas de ferro. E ainda com um interregno de dez anos em que viveu na Argentina

prestando serviços a importantes “ferrocarrilles” da nação vizinha. Poucos engenheiros, no Brasil, apresentam tão bela folha de serviços.

O nome de Schnoor está vinculado a um dos mais importantes empreendimentos ferroviários já levados a efeito no Brasil: a ligação do litoral com Mato Grosso. A Guerra do Paraguai revelara toda a fraqueza de nosso sistema de articulação interna, o que representou enorme vantagem para os paraguaios, que, fechando ao Brasil a navegação do rio Paraguai, simplesmente isolou a província de Mato Grosso do restante do Brasil, uma vez que, na época—por incrível que pareça—quem quisesse, por exemplo, ir do Rio de Janeiro ou de São Paulo a Mato Grosso, teria que fazê-lo pela via platina, subindo o rio Paraguai até Cuibá, localizada, como todos sabem, bem no centro geográfico da América do Sul.

Eis porque, terminada a guerra, apressaram-se todos em resolver o problema da ligação com a grande província do Centro-Oeste. Os dois últimos decênios do século passado foram férteis em planos ferroviários atendendo à tão almejada (e necessária) vinculação São Paulo/Mato Grosso, especialmente tendo em vista que as ferrovias paulistas já haviam atingido a porção central do Estado. O que não impediu que planos verdadeiramente utópicos fossem concebidos e apresentados à consideração das autoridades competentes, numa febre de empresas bem própria da época que se seguiu à proclamação da República. Algumas dezenas de projetos, quase todos bastante ambiciosos e tão inexecutáveis que jamais foram realizados, podem ser arrolados para constituírem uma como que pré-história da **Noroeste do Brasil**.

É aqui que entra a ação do engenheiro Schnoor. Deve-se-lhe, com pequenas alterações, o projeto que acabou sendo realizado pela **Estrada de Ferro Noroeste do Brasil**, partindo de Bauru (a idéia original era fazê-la partir de Agudos) e alcançando as margens do rio Paraguai. Para consegui-lo, o grande engenheiro teve de contrariar dezenas de planos e interesses pouco compatíveis com a realidade, como o demonstrou de sobra em seu precioso livro publicado em 1903. (14-5-1986)

*

147. DE GUERRA E DE PAZ

Em princípios de 1938, quando a ameaça da guerra já pairava terrível sobre o mundo, e atendendo à sugestão de uma leitora, o eminente professor Antônio Piccarolo escreveu em “O Estado de S. Paulo” uma série de trinta artigos, nos quais procurou resumir o conceito que da guerra

consciência de que os valores que vamos transmitir ao século XXI serão realmente válidos para os que nele viverem? Perguntas não de resposta fácil, mas para cujo equacionamento bem adequado muito poderá contribuir o Instituto Brasileiro de Altos Estudos. (6-8-1986)

*

149. SAINT-HILAIRE EM ARAXÁ

Ao ensejo do transcurso do bicentenário de Saint-Hilaire (1979), tive oportunidade de publicar pequena monografia sobre o grande cientista e viajante, que tão bem escreveu sobre o Brasil, na primeira metade do século passado. Julguei de utilidade acrescentar ao volume a bibliografia provavelmente completa não só de seus escritos originais, mas o que já havia sido traduzido para a nossa língua. Não só os próprios relatos de viagens, indispensáveis para o conhecimento do Brasil da época, mas igualmente destaques que houvessem sido dados, por tradutores e comentaristas a trechos de seus escritos referentes a cidades ou regiões do País. Entre eles, por exemplo, o volume publicado pela municipalidade de Porto Alegre contendo o que Saint-Hilaire escrevera sobre a capital do Rio Grande do Sul, acrescido de valiosos comentários. Aliás, salientei, na ocasião, que o Rio Grande do Sul fora o Estado que melhor comemorara o bicentenário do grande naturalista e viajante. Certamente, de então para cá, outros textos apareceram e é precisamente de um deles que desejo cuidar nesta nota.

No segundo semestre de 1981, o "Correio de Araxá" estampou longa série de 36 artigos do professor Ernesto Rosa Neto, transcrevendo e comentando as páginas do grande viajante sobre a hoje importante cidade do Triângulo Mineiro, por ele visitada em 1819. Graças à gentileza de pessoa amiga, natural de Araxá, mas na época residente em São Paulo, obtive boa parte dos artigos do professor Rosa Neto. Uma recente visita que fiz à bela cidade ofereceu-me o ensejo de obter, graças à atenção do sr. Atanagildo Côrtes, diretor do jornal em que os artigos foram publicados, as indicações precisas das datas dos artigos de que não disponho.

Publicados entre 29 de julho e 2 de dezembro de 1981, os artigos do professor Ernesto Rosa Neto incorporaram-se, agora, definitivamente, à bibliografia saint-hilaireana, e com eles, igualmente, o prestigioso jornal de Atanagildo Côrtes inscreve-se em nossa xenobibliografia como fonte a ser consultada quando se tratar de viajantes estrangeiros no Brasil.

Seria excelente — e aqui fica a sugestão — se alguma entidade cultural de Araxá (e existem várias em condições de o fazer) se propusesse a publicar em opúsculo os 36 artigos do “Correio de Araxá”. Seria a melhor maneira não só de se dar maior divulgação ao importante trabalho, mas especialmente de evitar que ele se perca, dando-lhe o caráter de permanência que só o livro assegura. De fato, recortes de jornal, poucas pessoas têm condições de colecioná-los, especialmente os que não residem na cidade. O próprio autor desta nota, com todo o seu empenho em “farejar” escritos de Saint-Hilaire, tem apenas dois terços do que foi publicado pelo periódico de Araxá.* Mais ainda: seria, acredito, um estímulo a que o mesmo fosse feito com relação a outras cidades por onde o grande sábio andou. (28-8-1986. Transcrito no “Correio de Araxá”, por gentileza de seu diretor, sr. Atanagildo Côrtes, em 6-9-1986).

*

* * *

(*) Poucas semanas após a publicação deste “rabisco”, o autor teve oportunidade de receber, graças à gentileza do Professor Ernesto Rosa Neto, cópias não só dos artigos que lhes faltavam na série sobre Saint-Hilaire, como de outros que o mesmo professor publicou, também no **Correio de Araxá**, resenhando escritos de Aires do Casal, Cunha Matos e, sobretudo, de Eschwege, os quais serão objetos de próximas notas no **Correio Popular**.